

A ARTE URBANA EDUCADORA: UM OLHAR PARA O FUNK E O HIP-HOP NA EDUCAÇÃO

Urban art as educator: a look at hip-hop and funk in education

Júlia Silva Coêlho¹⁹

RESUMO: O artigo discute as potencialidades educativas do Hip-Hop e do Funk enquanto movimentos culturais que realizaram a formação política e cultural da juventude nas favelas e periferias do Brasil na virada do século XX para o século XXI. A partir da significação dos termos “periferia” e “favela” feitos por estes movimentos culturais, é apresentado um breve histórico do Hip-Hop e do Funk, problematizando as representações destes movimentos na mídia tradicional brasileira e por consequência, seus lugares na arte/educação e demais âmbitos educacionais. Neste sentido, através de levantamento bibliográfico e a discussão de leis que fundamentam a presença das culturas de periferia e favela na educação, são estabelecidos diálogos com a arte/educação, são apresentadas experiências que em parceria com os saberes das culturas Hip-Hop e Funk compõem práticas pedagógicas e arte/educativas direcionadas para a construção de um cenário educacional mais plural e justo.

Palavras-chave: Educação; Hip-Hop; Funk; Arte/educação; Periferia; Favela.

ABSTRACT: The article discusses the educational potential of Hip-Hop and Funk as cultural movements that have contributed to the political and cultural formation of youth in the favelas and urban peripheries of Brazil during the transition from the 20th to the 21st century. Based on the resignification of the terms “periphery” and “favela” by these cultural movements, a brief historical overview of Hip-Hop and Funk is presented, along with a critical reflection on how these movements have been represented by mainstream Brazilian media and, consequently, their place in art/education and other educational spheres. In this context, through bibliographic research and the analysis of laws that support the inclusion of favela and peripheral cultures in education, the article establishes dialogues with art/education focused on visual arts and presents experiences that, in partnership with the knowledge embedded in Hip-Hop and Funk cultures, contribute to pedagogical and art-educational practices aimed at building a more afro-referenced educational landscape.

Keywords: Education; Hip-Hop; Funk; Art/education; Peripheries; Favelas.

INTRODUÇÃO

¹⁹ Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). Integrante do Bafo! - Bando de Estudos e Pesquisas em Currículo, Ética e Diferença (BAFO!/UFRJ) - Laboratório de Estudos Queer em Educação da UFRJ (LEQUE - FE/UFRJ). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UFRJ, Arte-educadora e Produtora Cultural. E-mail: juliacoelho@ufrj.br. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9491525410527912>.

O presente artigo discute as potencialidades educativas do Hip-Hop e do Funk com foco na arte/educação²⁰ enquanto criações afro-diapóricas, periféricas e faveladas. A discussão se justifica pelo histórico de representações estereotipadas (Hall, 2016) que atravessam e marcam a história das culturas produzidas pelos povos de periferia e favela. Sendo assim, o objetivo é abordar o potencial educativo e formativo de tais culturas, evidenciando práticas e experiências que realizam seu desenvolvimento de forma justa no campo educacional.

Como os significados negativos e a representações estereotipadas (Hall, 2006) produzidas acerca do Hip-Hop/Funk e incorporadas coletivamente pela sociedade brasileira nos ajudam a entender o lugar dessas culturas no campo da educação? Como subverter essas representações produzindo *com* os movimentos Hip-Hop e Funk práticas pedagógicas e arte/educativas que abordem tais culturas como referenciais de alto poder formativo e grande aproximação com o universo juvenil? Tais questionamentos surgiram a partir das diversas posições - estudante, pesquisadora, educadora, arte/educadora - que ocupei nos espaços educacionais ao longo de minha trajetória e integram questões que norteiam os diálogos apresentados.

O primeiro movimento deste artigo busca trazer os significados de “periferia” e “favela” construídos por ambos os movimentos ao longo de sua trajetória em solo brasileiro. O segundo momento faz uma sucinta revisão da história do Hip-Hop e Funk, abordando-os como parte das resistências anti racistas construídas pelo povo negro, favelados e periférico, insurgindo ao assujeitamento (Carneiro, 2023). Em seguida, discuto os atravessamentos sofridos por ambos os movimentos culturais, abordando as representações negativas e os estereótipos de raça (Hall, 2016) veiculados na mídia tradicional brasileira (Sodré, 2023), produzindo significados compartilhados socialmente a respeito do que são as culturas de periferia e favela. No terceiro momento, abordaremos o entrelaçamento entre o ativismo negro, educação e arte/educação, por meio da consolidação de leis (BRASIL, 2003), (BRASIL, 2008) que fundamentam o desenvolvimento de práticas que utilizam os saberes

²⁰ Convencionalmente a escrita do termo “arte-educação” com o hífen segue sendo utilizado. No entanto, arte/educação com a barra foi assumido como linguística em defesa da perspectiva de que a arte e seu ensino correspondem a um universo autônomo, o que se opõe à ideia de que trata-se da junção da arte e da educação, como sugere linguisticamente e esteticamente a escrita com o hífen (Frange, 2003. p, 45).

das culturas Hip-Hop e Funk no campo educacional, pedagógico e arte/educativo (Hernandez, 2007). Para exemplificar em aspectos metodológicos, éticos e políticos as práticas fundamentadas nos saberes das culturas Funk e Hip-Hop, destaco duas experiências nas quais a arte/educação e as culturas de periferia e favela envolvem-se oportunizando processos educativos significativos: A primeira ação é focada no grafitti e foi desenvolvida enquanto atuava como professora da educação infantil. Já a segunda, é a exposição “Funk! Um grito de ousadia e liberdade” (MAR, 2023). Deste modo, concluímos reforçando que a subversão das representações estereotipadas de tais culturas deve ser encarada como um compromisso a ser desenvolvido nas mais diversas frentes, de modo a contemplar fundamentalmente as potencialidades educativas, formativas, promotoras de cidadania e lazer das culturas de periferia e favela.

O Rap não obedece, o Funk só quer ser feliz: Conceitos e sentidos de periferia e favela²¹

Abro a escrita deste artigo com uma anedota que marca o hibridismo do meu percurso formativo. Visualizo o mesmo como uma dança entre os saberes produzidos nas ruas do subúrbio carioca, rodas de rima, muros grafitados, shows de Rap, bailes Funk e os conhecimentos construídos nas instituições de ensino pelas quais passei da Educação Infantil à pós-graduação:

Durante a escrita da monografia, não foram raras as vezes que enviei fragmentos dela para que diversas pessoas de minha confiança pudessem ler e opinar. Uma delas me fez o seguinte questionamento: “Que periferias e favelas são essas? No seu texto elas não estão à margem de nada, elas são o centro!”. No lugar de *outsider within*²², pensei estar explícito de quais águas bebia para conceituar (Culler, 1976, p. 19-23. apud Hall, 2016. p. 57-65) as periferias e favelas. Mas não estava explícito, pois a escrita é o exercício de dar asas às palavras para que elas voem e realizem poucos em subjetividades diversas. Então, encarei o questionamento como uma convocação para desenvolver explicitamente o que são as periferias e favelas nos “mundos” do Hip-Hop e do Funk, mundos estes repletos de particularidades, controvérsias, criatividade e dinamismo. E assim, ambos os movimentos construíram conceitos de periferia e favela a partir de seus desenvolvimentos enquanto

²¹ “O Rap não obedece, não aceita o que se oferece.” (RZO, Nessa estrada. São Paulo. Cosa Nostra. 2003. 3:56 min) / “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar...” (Cidinho & Doca, Rap da felicidade. Rio de Janeiro. Baratos afins. 1995. 5:11 min).

²² Para mais sugiro a leitura: Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought”, publicado em Social Problems, v. 33, n. 6, “Special theory issue”, p. 14-32, Oct.-Dec. 1986.

movimentos que surgem ao lugar *outro*, e ao assujeitamento criado pelo *Eu hegemônico* (Carneiro, 2023). Assim, Hip-Hop e Funk são os gritos de disruptão ecoados pela juventude empobrecida na virada do século XX para o século XXI e nascem daqueles que se propuseram a através da arte abordar as condições de vida e as reivindicações da população favelada e periférica. Neste sentido, periferia e favela são tanto simbolismo quanto territorialidade que atuam e disputam politicamente, produzindo e preservando através da ancestralidade conhecimentos e saberes. Sendo assim, rompemos, subvertemos - eu *com* o Hip-Hop e o Funk - as perspectivas reducionistas que pautam esses espaços como símbolo da miséria e criminalidade. E se ainda há dúvidas, deixo explícito: as periferias e favelas seguirão denominadas desta maneira no texto, pois são os sentidos diretamente ligados às representações culturais (Hall, 2016) que me formaram, e portanto, formam o sentido destas palavras, pois não existem significados fixos. Não há aqui a intenção de usar outras palavras, assumo as periferias e favelas como centro criativo das discussões que serão destrinchadas a seguir.

Hip-Hop e Funk: Culturas irmãs, culturas de periferia e favela

Cerca de uma década após surgir protagonizado pela juventude afro-caribenha, afro-americana e porto-riquenha revolucionando a cena cultural norte-americana, o Hip-Hop chega ao Brasil com seus elementos -DJ (Disk Jockey), Mestre de Cerimônias (MC), Rap, Breakdance e Grafite²³ - e a promessa de exercer a mesma disruptividade. É em São Paulo, considerada a capital brasileira mais violenta entre as décadas de 1970-80²⁴ que os jovens negros e migrantes nordestinos ocupam a estação do metrô São Bento para dar origem ao Hip-Hop nacional. Organizados nas chamadas *crews*, coletivos e posses²⁵, estes jovens tomaram a cidade para si, colorindo os muros com grafites, girando e saltando no chão com a prática do breakdance e expondo suas rimas sobre a vivência favelada e periférica através do Rap.

Também protagonizado pela juventude afro-americana, o Funk surge ao final da década de 1960 a partir dos dissidentes da Soul Music que queriam construir uma cena musical mais politizada. Assim, a palavra Funk (escrevia-se funky) passou a ser sinônimo do

²³ Para mais detalhes ver: HERSCHEIMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena** / Micael Herschmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 14-105.

²⁴ Para mais detalhes assistir: VICENTE, Juliana. CARVALHO, Beatriz. **RACIONAIS: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo**. São Paulo. Netflix, 16 nov. 2022.

²⁵ Para mais detalhes indico: **HISTÓRIA do Hip Hop no Brasil**. Produção: Red Bull Bc One, OM Records. Brasil: Red Bull, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i6HYb9Nk5f0&t=3s>. Acesso em: 14 out. 2021.

*Black Power*²⁶. Já em terras cariocas, o Funk dá seus primeiros passos no início dos anos 1970 com os chamados Bailes da Pesada²⁷, inicialmente realizados no Canecão, casa localizada no bairro da Urca, Zona Sul da cidade. Ao final da década de 1970, os bailes deixam de ser realizados no Canecão, tornando-se fenômenos em diferentes clubes e agremiações das periferias e favelas cariocas (Herschmann 2005. p, 23) (Vianna, 1989. p, 10-40). O Funk possui três elementos - DJ, MC e Passinho (dança)²⁸. A figura do MC é diretamente ligado ao “retorno” que o Funk faz para o protagonismo da juventude negra, já que aos poucos os frequentadores dos bailes passaram a se sentir à vontade para expor suas letras nas bases tocadas pelos DJs, essas composições tinham temas diversos, indo de desilusões amorosas a temas mais delicados como a perda de amigos para a violência policial.

Somando cerca de 40 e 50 anos no Brasil, Hip-Hop e Funk respectivamente, construíram legados sólidos na cultura brasileira enquanto culturas periféricas, faveladas e afro-diaspóricas, seja a partir do título de Movimento Cultural e Musical de caráter popular²⁹ (Rio de Janeiro, Estado. 2009) ou conquistando o dia 06 de agosto para comemorar sua trajetória (São Paulo, Estado. 2008). Diversas formas de ser e viver o Funk e Hip-Hop surgiram, seja na maneira de dançar, cantar ou fazer festas. Além disso, muitas foram as trajetórias artísticas, intelectuais e criativas construídas tendo como plano de fundo essas culturas que nasceram do desejo da juventude negra e favelada de manifestar suas dores, amores, vivências e sonhos.

Somos o que somos, eu quero ver abalar, sacudir a massa, arrepiar!³⁰: Hip-Hop e Funk na mídia tradicional brasileira

Apesar de carregarem em seus interiores as características dos territórios de origem,

²⁶ Para mais detalhes: VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. pp, 9-45.

²⁷ Para mais detalhes sobre os Bailes da Pesada e o início da Cultura Funk no RJ indico: **The Big Boy Show**. TV Brasil, JOBIM, Ruy. Rio de Janeiro. You Tube. Disponível em; <https://youtu.be/FQHeLkx7GoQ?si=MQU3oSHYo58JDrHh>. Acesso 01/11/2024.

²⁸ Para detalhes sobre surgimento de desenvolvimento do Passinho: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Passinho> Acesso em 01/11/2024.

²⁹ A Lei 5543/2009 estabeleceu o Funk como movimento cultural e musical de caráter popular no estado do Rio de Janeiro. Além desta, foi aprovado na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro o Projeto de Lei 1706/2022, que prevê no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro o Dia do Funk. Assim, como o Funk, o Hip-Hop também é representado nas casas públicas do Estado do Rio, tendo sido lançado em 30 de julho de 2023 a Frente Parlamentar em Defesa do Hip-Hop.

³⁰ “Somos o que somos, cores e valores” (Racionais MC’s - Cores e Valores. São Paulo. Cosa Nostra. 2014. 1:15 min) | “Eu quero ver, abalar, sacudir a massa, arrepiar, agitar o mundo, vamos navegar!” (Claudinho e Buchecha - Rap do Salgueiro. Rio de Janeiro. MCA. 1996. 5:23 min).

Hip-Hop e Funk não são movimentos estáticos e à medida que atravessaram fronteiras dentro do país tiveram seus elementos reinterpretados regionalmente. Ou seja, o Funk não se limita ao que foi criado no Rio de Janeiro, assim como o Hip-Hop não se limita as criações paulistas. Nestas reinterpretações regionais foram construídas criações únicas como a mistura do Rap com o Rock, Ragga, Reggae e até mesmo misturas do Funk com o Rap³¹. Já o Funk mesclou-se a ritmos do norte e nordeste dando origem ao Brega Funk e demais vertentes a propor a alquimia rítmica do Funk com as batidas eletrônicas³². No âmbito discursivo, artistas mulheres e componentes da população LGBTQIAPN+³³ expandiram as potencialidades dos movimentos, abordando suas vivências na cultura e na sociedade brasileira.

Enquanto movimentos contemporâneos gestados no seio da juventude negra, periférica e favelada, Hip-Hop e Funk eram tão imbricados que nos anos 1990 as músicas do Funk eram denominadas e registradas como Rap, já que compartilham características como o jeito “falado” com o qual os MC’s rimam nas bases. No entanto, com o passar dos anos, Funk e Hip-Hop diferenciaram-se no cenário artístico, cultural e político. Ou seja, apesar de “irmãs”, tais culturas encontraram caminhos independentes de acordo com a subjetividade de seus adeptos e contextos de desenvolvimento. Enquanto o Funk seguia por um caminho mais dançante e não necessariamente relacionado às questões políticas e sociais, o Hip-Hop ancorou-se as reivindicações dos movimentos sociais (Herschmann, 2005. p, 27). Na atualidade, observamos que os diferentes caminhos construídos pelos movimentos são constitutivos de seus legados na história cultural, social e política do Brasil. Portanto, não cabem juízos de valores acerca dos caminhos que Hip-Hop e Funk seguiram, mas sim constantes reflexões acerca de como a partir destes legados, tais culturas podem nos ajudar na construção processos formativos mais significativos.

Ao tornarem-se relevantes meios de comunicação, conscientização social e política, possibilitando a atuação artística e cultural dos seus adeptos. Além de atividade econômica para os profissionais e artistas envolvidos, Funk e Hip-Hop passaram a ser de conhecimento da mídia nacional e internacional. Em um misto de atração e condenação (Herschmann, 2005. p, 91), a mídia tradicional brasileira passou a levar cada vez mais sua atenção para as culturas de favela. Desta movimentação passaram a ser veiculadas diariamente na mídia tradicional

³¹ Para mais detalhes ver: GADIOLI, Tom. DOMINGOS, Emílio. **Mr. Niterói - A Lírica Bereta**. Rio de Janeiro. 2011. 89;07 min. Disponível em: <https://youtu.be/HLD9wSI5Bb4?si=gl3A7TP7oW3Fdxn2> Acesso em: 01. Nov. 2024

³² Para mais detalhes assista: LOROZZA, Felipe: **O Brega Funk vai dominar o Mundo**. YouTube, Out. 2019. 18:51 min. Disponível em: <https://youtu.be/3qLr-qILt1k> . Acesso em: 1 nov. 2024.

³³ Sigla do movimento que engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e demais identidades.

brasileira representações estereotipadas (Hall, 2016. p, 189) e redutoras do Funk e Hip-Hop à culturas corruptoras da juventude, predatórias para a família tradicional brasileira e praticadas por sujeitos essencialmente (Hall, 2016. p, 190) violentos e perigosos. A “família tradicional brasileira” para a qual o Hip-Hop e o Funk são representados como sinônimos de perigo é a instituição central na lógica de organização racista da sociedade brasileira (Sodré, 2023), figurando como plano orientador dos principais dispositivos aqui desenvolvidos, já que está *vocacionada para a tutela da vida republicana.* (Sodré, 2023. p, 26). Sendo assim, podemos entender a mídia tradicional brasileira como um destes dispositivos, atuando na criação de significados compartilhados culturalmente (Hall, 2016. p, 19-29), operando com a finalidade de proteger “*a continuidade do ciclo patrimonialista de apropriação de riquezas e poder*” (Sodré, 2023. p, 27).

Como dito anteriormente, as representações produzidas pela mídia tradicional brasileira criaram significados compartilhados socialmente (Hall, 2016. P-19-29). Nas ruas, isto significou a prisão de artistas, criminalização de festas dos movimentos e perseguição dos adeptos e diversas manifestações oriundas das culturas de periferia e favela³⁴. Abaixo, podemos observar manchetes trazendo o Funk e o Hip-Hop como movimentos ligados a violência urbana, além de reportagens relatando ações violentas da polícia em shows de Rap e bailes Funk.



³⁴ Para mais detalhes sobre os efeitos da estereotipação do Funk e Hip-Hop por parte da mídia e violência praticada pelo Estado brasileiro contra os movimentos, indico assistir: FERNANDES, André. **EU só quero é ser feliz – Uma breve história do funk carioca.** Produção: Renata Duarte, Verônica Oliveria e Mônica Galvão. Roteiro: Marcos Barreira. Gravação de Florian Pfiffer, Patrick Granja e Victor Ribeiro. Brasil: **Agência de Notícias das Favelas.** Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sZ8h_C4ArhY. Acesso em: 14 out. 2021. VICENTE, Juliana. CARVALHO, Beatriz. **RACIONAIS: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo.** São Paulo. Netflix, 16 nov. 2022.



06/05/2007 - 08h07

Virada Cultural se transforma em campo de batalha no centro de SP

DIÓGENES MUNIZ
da Folha Online

JORNALISTAS LIVRES

Paraisópolis: PM considera que PM fez tudo certo no baile funk que acabou com 9 mortos

por Jornalistas Livres • 07/02/2020



35

Se há controvérsia, reaja!³⁶ Entrelaçamentos do Hip-Hop, Funk, ativismo negro e arte/educação

Assumindo a formação educativa como um campo marcado por disputas (Lopes e Macedo, 2011), pode-se dizer que as representações estereotipadas construídas acerca de Hip- Hop e Funk influem nas práticas educativas enquanto práticas sociais. Por outro lado, os constantes deslocamentos, construções e reconstruções dessas culturas que tem em seu centro criativo as vivências faveladas e periféricas, são também constitutivas e formativas à medida que são percursos (Pinar, 2016) coletivos e individuais que afetaram e seguem afetando sujeitos e contextos. Neste sentido, adeptos e agentes culturais das artes de favela/periferia não figuram imóveis ao processo representativo estereotipado, pois é na capacidade de se articular e se fazer presente em contextos de adversidade que as agências (Giroux, 1997) são fortalecidas, fazendo de Hip-Hop e Funk, culturas inevitáveis. Embora não existam isoladas no intento de resposta a opressões, é justamente em seu caráter mutante e inevitável que Hip-Hop e Funk afiam suas potencialidades educativas, já que seguem atuantes no cenário nacional, construindo percursos (Pinar, 2016) e experiências formativas independentes de serem “bem-vindas”.

Como subverter as representações estereotipadas produzindo com os movimentos Hip- Hop e Funk práticas pedagógicas e arte/educativas que desenvolvam tais culturas como referenciais de alto poder formativo e grande aproximação com o universo juvenil? Norteada

³⁵ Imagem 1: Matéria de março de 1992 publicada no jornal O Globo relaciona a onda de arrastões frequentes na zona-sul da cidade do Rio de Janeiro aos adeptos do Funk. Fonte: site Wiki Favelas. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br>. Acesso em 10/08/2023. Imagem 2: Matéria publicada no Jornal do Brasil em outubro de 1992 traz o “perfil dos funkeiros”. Fonte: site Wiki Favelas. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br>. Acesso em 10/08/2023. Imagem 3: Jornal Folha de São Paulo maio de 2007 notícia a ação da PM na Virada Cultural de SP. Fonte: site Wiki Favelas. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br>. Acesso em 10/08/2023. Imagem 4: Agente da PM atira contra público do show do Racionais na Virada Cultural. Fonte: site Wiki Favelas. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br>. Acesso em 10/08/2023. Imagem 5: Manchete do portal Jornalistas Livres traz nota oficial da PM após mortes em baile funk na favela de Paraisópolis/SP. Fonte: Jornalistas Livres, fevereiro de 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/paraisopolis-org>. Acesso em: 11/08/2023.

³⁶ Sabotage, Rappin Hood, RZO, A Cultura. São Paulo. Cosa Nostra. 2002. 4:56 min.

por este questionamento, início referenciando um produto fruto do ativismo histórico dos movimentos negros e indígenas, a Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) e sua atualização, a Lei 11.645/08 (Brasil, 2008). Ambas, ao preverem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena nas escolas e demais estabelecimentos educacionais do país- assinalando as artes como um dos vértices da aplicação de políticas públicas ligadas à educação em questões étnico-raciais (Brasil, 2003) (Brasil, 2008)- ; fundamentam a presença das artes de periferia e favela na educação como continuidade do que foi conquistado por gerações anteriores no ativismo social, marcado pela busca de uma educação mais justa através da abordagem dos saberes construídos em bases epistemológicas atravessadas pelo racismo.

Em vista das artes como um dos vértices para a produção de outras possibilidades para a prática educativa, levo o foco para a arte/educação e seus entrelaçamentos com Hip-Hop e Funk. Entendendo a arte/educação como área constituída por ações em diversas linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais, cinema, expressão gráfica e circo), focaremos nas artes visuais, âmbito responsável pela construção e reconstrução de representações do mundo. Ou seja, através dela podemos atuar na maneira como os sujeitos “lêem” e “apresentam” o mundo uns para os outros em seus contextos e para a sociedade de maneira geral (Arthur Efland, 2004, p. 229. Apud. Fernando Hernández, 2007. p, 41.) Dito isso, podemos compreender as possibilidades de subverter e/ou reconstruir representações do mundo através de práticas artístico-educativas nas artes visuais como uma das principais contribuições do diálogo entre as culturas de periferia e favela e a arte/educação. Isto porque, compor práticas educativas em parceria com o conhecimento favelado e periférico, âmbitos marginalizados historicamente, oportuniza que esteja em perspectiva representações da realidade feitas por sujeitos distantes dos ideais hegemônicos. No ensino das artes isso significa a revisão de uma série de bases epistemológicas, teóricas, pedagógicas e práticas educativas, fruto de construções sociais defasadas e que não dão mais conta das diversos percursos formativos que ganharam força na contemporaneidade (discussões sobre, racismo, capacitismo, homofobia etc), já que: “*o aparecimento da cultura visual como um campo de investigação transdisciplinar e trans metodológico não significa outra coisa senão uma oportunidade de repensar, a partir de outro ângulo, alguns dos problemas mais espinhosos deste momento cultural*” (Hernández, 2007. p, 45).

Seguindo a questão sobre *como* construir com as artes de periferia e favela caminhos para novas possibilidades dentro da pedagogia e arte/educação, apresento duas ações nas quais os direcionamentos metodológicos, éticos e políticos inspiram possíveis respostas às

questões norteadoras deste artigo. A primeira delas, desenvolvi na qualidade de educadora no ano de 2023 e é focada no Grafite, elemento da cultura Hip-Hop situado nas artes visuais. O contexto de referência é uma escola particular localizada na zona-norte carioca, o público são crianças da Pré-escola 1 com idades entre 3 e 4 anos. Ao observar que a turma possuía dificuldades para se compreender enquanto um coletivo diverso, cujas atribuições envolviam a convivência de maneira respeitosa considerando as contribuições individuais para a identidade coletiva, idealizei junto das crianças a construção de um grafite colaborativo que se tornou símbolo daquela turma. A atividade foi desenvolvida em três momentos:

1º Momento: Pedi para que as crianças com o auxílio dos responsáveis fotografassem a paisagem urbana. Perguntas norteadoras como “*O que você vê pintado nas paredes e muros do seu bairro?*” “*O que vocês acham que essas pinturas querem comunicar?*” foram disparadas para o grupo, com a intencionalidade pedagógica (Rinaldi, 2016. P, 116-127) de movimentar reflexões sobre as artes visuais na paisagem urbana como um elemento cotidiano que comunica, ilustra e faz parte da cultura urbana.

2º Momento: Em sala, pedi para as crianças socializarem as fotos com o grupo, falando sobre o motivo de escolha da ilustração. Neste momento, trouxe noções sobre o que é o grafite e o contexto cultural do qual ele faz parte, tirando dúvidas e abrindo espaço para as contribuições das crianças enquanto sujeitos sociais que vivem a paisagem urbana e portanto se relacionam com as artes visuais expostas nela.

3º Momento: Por fim, adaptei os materiais para o público alvo - fazendo sprays através da mistura de tinta guache e água - e os convidei para fazer um desenho inspirado no que vimos e debatemos durante a sequência didática, utilizando como base cortinas que ficaram expostas na sala como um símbolo de pertencimento e da identidade coletiva.

Através desta experiência as crianças exploraram a perspectiva visual e representativa proposta pelo grafite, a compreendendo como parte da paisagem vivida por eles enquanto sujeitos pertencentes a cidade do Rio de Janeiro. Além disso, enquanto prática artística, a sequência didática possibilitou a criação de uma arte símbolo do coletivo a qual pertenciam (a turma), proporcionando reflexões sobre as responsabilidades e direitos da convivência social, como podemos observar nas imagens³⁷ abaixo:

³⁷ Imagem 6: Crianças da turma no momento de grafitagem da bandeira. Fonte: arquivo pessoal. Maio de 2023. Imagem 7: Roda de conversa na qual as crianças compartilharam fotos e percepções acerca dos grafites feitos em suas vizinhanças e conheceram a história e principais características do grafite. Fonte: Arquivo pessoal da autora. Maio de 2023.



A segunda ação na qualidade de visitante, é a exposição “Funk! Um grito de ousadia e liberdade” aberta no Museu de Arte do Rio de Janeiro em 29 de setembro de 2023. A exposição marca uma ação focada nas artes visuais em um espaço educacional não tradicional, o museu. A exposição celebra a existência do Funk enquanto movimento cultural e político, cuja influência vai além da música, passando pela moda e comportamento. Sendo assim “os artistas reunidos refletem criticamente sobre o mundo em que se inserem, no qual o funk faz parte inextricável. Encontramos retratados nas pinturas, fotografias, colagens e vídeos, o universo do soul, da favela e do funk, com suas danças, o estilo Black, o descoloramento dos cabelos, a calça da gang, as mulheres funkeiras, as lonas das festas, a denúncia da violência, o famoso paredão.” (MAR, 2023). Neste sentido, a cultura visual é trazida como um recurso para potencializar na educação museal o Funk em suas múltiplas linguagens, celebrando este movimento através das representações de mundo pela ótica periférica e favelada, como podemos observar nas imagens³⁸ abaixo:



Em "Funk! Um grito de ousadia e liberdade" pude observar expostas as obras de diversos

³⁸ Imagem 8: Passeata organizada pelo Movimento Negro Unificado (MNU). Rio de Janeiro, anos 1980. Fonte: Museu de Arte do Rio, outubro de 2023. Imagem 9: Pioneiro do Funk, Ademir Lemos, é homenageado com capa de disco compondo as obras da exposição. Fonte: Museu de Arte do Rio, outubro de 2023.

artistas que vi a entrada e desenvolvimento artísticos na arte urbana, seja dentro do Funk ou do Hip-Hop, e assim como eles são presentes na vida cultural da cidade enquanto arte/educadora e produtora cultural. Tal aspecto mostra que estamos todos conectados e trabalhando em prol do desenvolvimento de um cenário educacional-cultural na qual Hip-Hop e Funk firmam-se como potências educativas, criativas e culturais, oportunizando vivências nas quais os sujeitos em suas pluralidades estejam em constante desenvolvimento.

Final sem fim: Conclusões

Por meio da história do Funk e do Hip-Hop exploramos as significações dadas por essas culturas às periferias e favelas, âmbitos simbólicos e territoriais que fortalecem tais culturais como canais de comunicação que conectaram diferentes territórios, os potencializando como espaços de produção e preservação de conhecimentos e saberes ancestrais. Neste sentido, refletimos sobre o potencial educativo, formativo, politizador e promotor de lazer destes movimentos artísticos, abordando os dispositivos legislativos construídos pelos movimentos sociais como fundamentadores do pleno desenvolvimento dos mesmos na educação nacional. Sendo assim, ressalto que a subversão das representações estereotipadas de Funk e Hip-Hop, passa fundamentalmente por políticas públicas e leis de incentivo fiscal que contemplam as potencialidades educativas e promotoras de cidadania destas culturas enquanto construções faveladas, periféricas e afro-diaspóricas. Isto, na direção de práticas que componham em parceria com os saberes do Funk e Hip-Hop experiências nas mais diversas frentes (educação, artes, política, esportes etc). Por fim, que cada vez mais olhares contemplam em suas práticas o Hip-Hop e o Funk e que as ruas sigam olhando por e para nós nas redes construídas por essas culturas que nos fazem passado e futuro corporificados.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GIROUX, Henry.; McLAREN, Peter. **Formação do professor como uma esfera contra pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural.** In: MOREIRA, Antônio, Fávio; SILVA, Tomaz, Tadeu. Currículo, cultura e sociedade. São Paulo, Cortez, 1994, p. 125-154.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização de Arthur Ituassu, tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. p. 19-200.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual.** Porto Alegre: Mediação, 2007. pp, 41 - 45.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena /** Micael Herschmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. pp, 14-105.

HILL, Collins, Patricia. **Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought**, published in Social Problems, v. 33, n. 6, “Special theory issue”, p. 14-32, Oct.-Dec. 1986.

Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 01 de novembro de 2021.

Lei 11.645 de março de 2008. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino História e Cultura Afro-Brasileira e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 1 de novembro de 2021.

Lei nº 5543 de 22 de Setembro de 2009. Define o Funk como movimento cultural e musical de caráter popular. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/819271/lei-5543-09> . Acesso em 08 de agosto de 2023.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados** /William Pinar. seleção, organização e revisão técnica: Alice Casimiro Lopes, Elizabeth Macedo. - São Paulo: Cortez. 2016.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2023. p. 20-50

WIKI FAVELAS. Passinho. Wiki Favelas: Dicionário de Favelas Marielle Franco. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Passinho>. Acesso em: 01 nov. 2024.

RINALDI, Carlina. **O currículo emergente e o construtivismo social.** In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 107-116.

VICTORIO FILHO, A. Cultura dos Jovens: fricções e colisões entre a oficialização e a rebeldia da beleza. In: Inês Barbosa de Oliveira. (Org.). Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, 2010. pp 103-121.

FILMOGRAFIA



GADOLI, Tom. DOMINGOS, Emílio. **Mr. Niterói - A Lírica Bereta.** Rio de Janeiro. 2011. 89;07 min. Disponível em: <https://youtu.be/HLd9wSI5Bb4?si=gl3A7TP7oW3Fdxn2> Acesso em: 01. Nov. /2024

LOROZZA, Felipe: **O Brega Funk vai dominar o Mundo.** YouTube, Out. 2019. 18:51 min. Disponível em: <https://youtu.be/3qLr-qILt1k>. Acesso em: 1 nov. 2024.

SILVA, Ludmilla. **ANF 20 Anos: documentário ‘Eu só quero é ser feliz’ - uma breve história do funk carioca.** Agência de Notícias das Favelas, 2021. Disponível em: <https://www.anf.org.br/anf-20-anos-documentario-eu-so-quero-e-ser-feliz-uma-breve-historia-do-funk-carioca/>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.

TV Brasil, JOBIM, Ruy. **The Big Boy Show.** Rio de Janeiro. You Tube. 25:46 min. Disponível em: <https://youtu.be/FQHeLkx7GoQ?si=MQU3oSHYo58JDrHh>. Acesso 01. Nov. 2024

VICENTE, Juliana. CARVALHO, Beatriz. **RACIONAIS: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo.** São Paulo. Netflix, 16 nov. 2022.